

## Do terno ao terno do seu Zé Pelintra

Karina dos Santos. UDESC

*krinasantos@gmail.com*

José Alfredo Beirão Filho. UDESC

*jbeiraofilho@gmail.com*

### Resumo

A vestimenta na história do ser humano sempre foi muito importante, e não seria diferente em relação à vestimenta masculina, que enquanto representante desse traje, traz o **Terno**. Nesse sentido, este artigo teve como objetivo analisar sua importância, sua evolução, sua representatividade como arma de posição social, bem como as cores, enfatizando que o uso do terno branco tem como principal representante o Seu Zé Pelintra, e para tal, foi utilizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, tendo como embasamento artigos publicados, periódicos e obras literárias, assim sendo, essa pesquisa tem características básicas, descritiva, bibliográfica, qualitativa, a qual apontou a relevância dessa vestimenta na construção da sociedade enquanto ferramenta de posição social, deixando bem clara em que situação o indivíduo se encontrava encaixado, até porque a cor branca utilizada pelo dito malandro carioca, Seu Zé, revela o contraponto com a malandragem que está intrínseca nele, por todas as mazelas da vida, seu jeito sério de protestar e se afirmar como integrante da sociedade a qual está inserido.

**Palavras-chave:** Alfaiataria Masculina.Terno.Umbanda.Zé Pelintra.

### Abstract

*The dress in the history of the human being was always very important, and would not be different in relation to the masculine dress, that as representative of this suit, brings the Suit. In this sense, this article had as objective to analyze its importance, its evolution, its representativeness as a weapon of social position, as well as the colors, emphasizing that the use of the white suit has as main representative Seu Ze Pelintra, and for that, was used a bibliographical review on the subject, based on published articles, periodicals and literary works, so this research has basic, descriptive, bibliographic and qualitative characteristics, which pointed out the relevance of this dress in the construction of society as a tool of social position, making it clear what situation the individual was in, even because the white color used by the carioca malandro, Seu Ze, reveals the counterpoint to the malandragem that is intrinsic in him, for all the ills of life, his serious way of protesting and to affirm itself as a member of the society to which it belongs.*

**Keywords:** Men's Clothing. Suit. Umbanda. Ze Pelintra.

## 1. INTRODUÇÃO

O terno tem como principal característica dar uma estrutura de plasticidade funcionando até como armadura corporal, trazendo assim, ares de padronização associados ao poder de corrigir, na tentativa de se chegar à perfeição. Os homens desejavam possuir corpos iguais aos de deuses, e o terno sempre esteve atrelado à demonstração de poder, tendo como preferência as cores sóbrias, com representação no cinza, no azul, no marinho e, no preto, sendo esta última, sua maior representação (VILLAÇA, 1998).

O traje masculino pode indicar a classe social a qual o indivíduo pertence, deixando claro qual o seu estilo de vida, qual profissão exerce e, por vezes, expressa sua personalidade, tornando-o um indivíduo aceito ou não na sociedade em que ele está inserido.

Em muitos momentos, a escolha de cores, conforme Alexandre Taleb (2016, p.49) é feita com base no gosto pessoal, na verdade, é importante atentar para as mensagens que as cores passam, bem como saber quais cores combinam melhor com o tom da pele. As cores transmitem uma mensagem não-verbal ao interlocutor; portanto, para efeito de enriquecimento do trabalho, apresenta-se uma lista das mensagens escondidas em cada cor:

- Cinza: sugere autoridade, conservadorismo refinamento, inteligência.
- Azul: costuma ser associado à comunicação e à sociabilidade.
- Marinho: transmite honestidade, integridade, e confiabilidade. É uma cor associada a valores tradicionais, ao conservadorismo e à elegância.
- Preto: também denota elegância, mas agrega, ainda, autoridade, poder, formalidade, e certa distância.

O terno branco, que é o que norteia este estudo, tem como representante histórico um ser também mítico: o Zé Pelintra, cultuado na religião afro-brasileira, a Umbanda. A origem da palavra Umbanda deriva da palavra *m'banda*, que na linguagem quimbundo (língua nacional de Angola) tem como significado sacerdote ou curandeiro. A Umbanda é uma das religiões nascidas no Brasil que tem como princípios: a filosofia espírita kardecista, cultos afro-brasileiros, tradições indígenas e, até mesmo, o cristianismo. Seu surgimento se deu nas classes menos afortunadas da população brasileira.

Mesmo que já tenham sido apresentados os demais tópicos, traz-se agora o questionamento que permeia o presente trabalho, evidenciando-se o seguinte problema de pesquisa: **por qual motivo a entidade de Zé Pelintra escolheu o terno da cor branca na Umbanda?** Além disso, o objetivo geral visa **Identificar o porquê do uso do terno branco pela entidade Zé Pelintra nos rituais de Umbanda.**

Conforme Fernandes e Gomes apontam (2003, p.11) verifica-se que a definição do delineamento metodológico que será utilizado no presente trabalho

é tão, ou mais importante quanto definir os objetivos e o problema de pesquisa, uma vez que ambos estão interligados.

Assim, observa-se que a metodologia é o estudo dos métodos, ou as etapas seguir em um determinado processo; é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda a ação desenvolvida ao longo do trabalho.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa será bibliográfica, sendo aquela concebida a partir de materiais já publicados: Obras Literárias, artigos e periódicos que tratam sobre o tema em questão.

Quanto à finalidade, a pesquisa será básica, sendo aquela que envolve verdades e interesses universais, procurando gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem a aplicação prática prevista (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.126).

Quanto aos objetivos, a pesquisa será descritiva, sendo aquela que expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.126).

Para o presente estudo, buscou-se a pesquisa qualitativa, que conforme Prodanov e Freitas (2003) é aquela em que o ambiente natural é fonte direta para a coleta de dados, para a interpretação de fenômenos, e também para a atribuição de significados.

## **2. Fundamentação Teórica**

### **2.1 Alfaiataria e o Poder do Terno**

Segundo o Dicionário Balsa da Língua Portuguesa, p.40, a palavra alfaiate diz respeito ao profissional que faz roupas de talhe masculino. Dessa forma, pode-se dizer que a profissão de alfaiate é também muito antiga, bem como muito importante para a história.

Nos anos 1950, chamados de Anos Dourados, em virtude da ascensão da moda no período pós-guerra, na Europa, surgiram grandes nomes na Moda, como Christian Dior e Cristóbal Balenciaga, que tinham como referência o luxo e a sofisticação que seguiram com o final da Segunda Guerra Mundial (ROSA, 2016, p.16).

Nesse período, a grande maioria das peças de vestuário eram feitas sob medida, em especial, bem longe dos grandes centros urbanos, e quem tinha interesse em ter um terno, levava o tecido para um alfaiate, conforme demonstrado na figura 1, que lhe tirava as medidas. Em seguida, esse tecido era molhado, a fim de evitar que a peça encolhesse, para dar início ao esboço, utilizando giz para posterior corte e confecção, todas essas etapas que levava um tempo considerado, também agregava valor, e quanto mais perto da perfeição, mais esse alfaiate se tornava conhecido, logo a fama aparecia.

Figura 1: Profissão de Alfaiate



Imagem 1: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/320881542171551964/> Acesso em: 23/06/2018

Para se chegar à conclusão da peça pronta, eram efetuadas algumas etapas: tecido e forro eram moldados aos corpos do cliente, testados, frentes elaboradas, mangas e golas elevadas e, por último, a peça era arrematada e engomada.

Todavia, houve os avanços tecnológicos, bem como o desenvolvimento da indústria de confecção de vestuário, e com isso notou-se o declínio da profissão. Mas, mesmo assim, a alfaiataria continuou tendo a atenção dos homens com sua aparência nas roupas bem modeladas, ajustadas, caimento impecável, tudo o que representava a moda masculina. No que diz respeito ao tecido, este era cortado de forma cuidadosa, os moldes eram feitos sob medida e ajustados de maneira individual, isso garantia um traje bem feito.

Convém ressaltar que o alfaiate era habilidoso, uma vez que tinha a capacidade de transformar os desejos do seu cliente, mesmo que fossem desejos mirabolantes, em um traje espetacular, sem parecer insignificante.

“O alfaiate masculino inspirado podia ter suas próprias idéias audaciosas, mas ele as ajustava cuidadosamente ao gosto dominante para os clientes que queriam tentar algo interessante, mas não deveriam parecer ousados. Deste modo, o ofício de alfaiate desenvolveu sua história técnica com lentidão, e seus praticantes aprenderam gradualmente novas práticas sem ter de descartar-se de habilidades adquiridas com muito esforço ou qualquer compreensão profunda do ofício. Se novos materiais se tornaram disponíveis, estes primeiro eram adaptados aos velhos métodos, que, por sua vez, eram adaptados para

abrangê-los.” (HOLLANDER, 1996 A.p.93).

Ainda não há dados disponíveis, atualmente, a respeito do número de alfaiates existentes no Brasil, entretanto, os sindicatos relatam que há muito mais profissionais do setor de alfaiataria do que postos de trabalhos. Importante mencionar que os chamados alfaiates tradicionais são excelentes profissionais, os quais seguem “customizando” ternos e camisas para o mercado de executivos que exigem corte de terno impecável e personalizados. Sendo assim, este profissional desenvolve uma clientela fiel, são vistos como consultores de moda os quais, pois orientam os seus clientes para o uso adequado de tecidos, conforme tendência da moda e características pessoais. Assim, sendo, o terno, a peça de maior representatividade do vestuário masculino, no próximo tópico será abordado, ressaltando a historicidade desse traje e o que ele representa de estética e posição social.

## **2.2 História do Terno**

Durante a Idade Média, a vestimenta de homens e mulheres era diferenciada mais pelas cores e pelos materiais, do que propriamente pela forma; todavia, no fim desse período - o qual compreende a Europa Gótica ou Baixa Idade Média, aconteceu maior distinção entre a indumentária masculina e a feminina, caracterizada, especialmente, pelo fato de se encurtar as túnicas dos homens e por se alongar as túnicas das mulheres (BOUCHER , 2010). A Baixa Idade Média - ocorrida entre os séculos XI e XV- foi marcada também pelo estilo urbano e verticalizado, influenciando sobremaneira o surgimento de uma silhueta mais magra e também verticalizada.

Assim, essa estrutura de vestimenta mais justa, executada pelos armeiros no século XII, bem como a tendência à verticalização das roupas, no fim da Idade Média, são características que influenciaram na concepção do terno masculino.

Para Hollander (1996), na primeira metade do século XVIII, o vestuário masculino era muito mais incômodo do que criativo, pois naquela época a roupa era confeccionada, principalmente, para demonstrar a posição social do indivíduo que a vestia, e não para dar comodidade a ele. Entretanto, na segunda metade deste século, as formas consideradas elegantes pela aristocracia inglesa deram preferência pela simplicidade, e não pelo exibicionismo.

Conforme Svendsen (2010, p.47), o processo de industrialização e as mudanças sociais do período, intensificadas no século XIX, foram os principais fatores que ocasionaram essa simplificação, criando assim a necessidade de roupas masculinas mais simples para a nova burguesia, a qual precisava de um traje mais confortável e próprio para o trabalho. Nesse sentido, como enfatiza Mello e Souza (1987, p .61), o século XIX se inicia sob o manto da simplicidade, pois já vinha se articulando, desde o século anterior, um movimento que partiu das ideias de Rousseau e da influência da moda inglesa, fato esse acentuado com o advento da Revolução Francesa. Dessa forma, o espírito de democratização e a instauração do conceito de “indivíduo”, em substituição à noção ideológica de “cidadão”, estimulam as mudanças na

vestimenta, fazendo surgir trajes mais sóbrios e elegantes, influenciando assim, o aparecimento do terno masculino, que, para Svendsen (2010, p.47), foi “ uma brilhante solução” para o cenário econômico e social que se estabelecia no século XIX, assinalando a afiliação a uma nova Era, por sintetizar, ao mesmo tempo, a praticidade, a elegância e a distinção.

### 2.3 Rua do Ouvidor: Pequena Paris abaixo do Equador

Conforme Aduz Leitão (2007 p. 61). “o Rio de Janeiro foi, do século XIX até pelo menos meados dos anos 1920, quando São Paulo começa a ganhar importância, o polo de efervescência no âmbito do consumo de moda e vestuário do País.” Esse acontecimento deu-se pela transferência da sede do governo, em meados de 1763, com uma só finalidade, qual seja: a aproximação do Centro Administrativo Colonial e das zonas de mineração das regiões centro-oeste e sul.

Segundo Maria Graham (1956, p.187) , quando relata sua vinda ao Brasil, alerta que em 1822 a cidade do Rio de Janeiro é mais europeia do que a Bahia ou Pernambuco tamanha a semelhança , corroborando com o mesmo pensamento, Herman Burmeister (1952, p.42) tem um relato igual, porém, com algumas ressalvas sobre o Rio de Janeiro de 1850. Segundo o autor supracitado, o Rio de Janeiro dessa época se assemelhava, e muito, às cidades do sul da Europa, isso se não fosse a presença dos negros, dos morenos e dos amarelos que circulavam já, por essa dita rua, fazendo ser vistos como exóticos, pelos visitantes.

Este nome, Rua do Ouvidor, de acordo com a figura 2, aparece em 1780, a qual já abrigava lojas comerciais de produtos portugueses e ingleses que tinham como artigos principais louças, tecidos e outros importados.

Figura 2: Rua do Ouvidor



Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/2549> Acesso em: 23/06/2018

De acordo com Manoel de Macedo (1988, p.58), nesse período chegam as francesas que ofereciam aos transeuntes tecidos e figurinos vindos de Paris, mas não tinham o direito de ser proprietárias únicas, tinham que ter, pelo menos, dois sócios, com funções bem definidas, um atendia a clientela, e outro realizava as viagens para a Europa.

No período de 1840, abrem-se as primeiras tecelagens que trabalham com o algodão. Essas tecelagens tinham quase como prioridade a fabricação de tecidos sem refino, que acabam sendo usados para fabricar as roupas dos escravos e, igualmente, os sacos de transportes de mercadoria. A Rua do Ouvidor era o único local para compras de vestuário da moda, sendo assim, não havia nenhuma concorrência, até porque era a favorita quando se tratava de roupas francesas.

### **2.3 Origens da Umbanda**

Nada surge do nada, nada há de novo sob o sol, todas as religiões são formadas de cultos e culturas anteriores, que lhe emprestaram símbolos, ritos e mitos combinados e ressignificados. Assim foi com o Judaísmo, o Cristianismo, o Islamismo, o Hinduísmo, o Budismo, entre outros, e não seria diferente com a Umbanda. (CUMINO, 2015, p.33). No que diz respeito à afirmação do autor supracitado, entende-se que a Umbanda também é uma mistura de religiosidade, de símbolos, de ritos, pois conforme traz Prandi (2006, p. 93), a história das religiões afro-brasileiras podem ser divididas em três momentos: o da sincretização com o Catolicismo, durante a formação das modalidades tradicionais, sendo elas: Candomblé, Xangô, Tambor de mina e Batuque; o branqueamento na formação da Umbanda nos 1920 e 30; por último a africanização na transformação do Candomblé passando a ser uma religião universal, aberta a todos, sem barreiras de cor ou origem racial, ou seja, a característica principal da Umbanda é essa mistura, onde para alguns ela é um kardecismo-africanizado, para outros, o africanismo-embranquecido, porém, nenhuma das afirmações tem algo de novidade ou que nasça em nosso solo brasileiro.

O mesmo autor ainda afirma que neste mesmo século, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, a Umbanda foi constituída e logo foi disseminada por todo o País, o que abriu, sobremaneira, caminho para uma nova etapa de difusão do antigo Candomblé. Tal religião é vista como sendo a religião brasileira por excelência, já que é formada no Brasil e resulta da união de tradições africanas, espíritas e católicas, na contramão das religiões negras tradicionais que eram constituídas de religiões de grupos negros. Sendo assim, a Umbanda já surgiu como uma religião universal, isto é, criada para todos, e a qual caracteriza o encontro de diferentes fatores, criando algo único, em uma mistura religiosa.

Com outro olhar, Saraceni (2015, p.121) diz que a Umbanda não é de uma única etnia (do negro, branco, ou vermelho) mas sim, a união delas para uma única direção. Nesse sentido, alguns veem a Umbanda como ecletismo religioso, todavia, novas pesquisas apontam como sendo a composição do povo brasileiro.

Muito dos cultos umbandistas, trajas, cantos e todas as demais características encontradas nela, assemelham-se ao Candomblé, mas algumas diferenças ficam visíveis, pois na Umbanda adota-se a figura indígena (os caboclos) e os negros urbanos, que estavam inseridos na cultura europeia (Preto Velho, Pomba Gira e Zé Pelintra) em princípio encontrados na doutrina espírita.

O surgimento da Umbanda confunde-se com a história do senhor Zélio Fernandino de Moraes, natural de Niterói, no Rio de Janeiro, que sofria de uma paralisia que desafiava a Medicina. “Um dia, inesperadamente, ao acordar, disse:” amanhã estarei curado”! E no dia seguinte, lá estava ele, curado.

Após essa estranha revelação, a família de Zélio se convence de que precisavam de ajuda, então, foram aconselhados por um amigo a visitarem a Federação Espírita de Niterói e lá assistirem a uma sessão, e nela Zélio se manifesta incorporando e dizendo: “aqui falta uma flor, busca a dita flor e deposita na mesa”, porém, na doutrina kardecista somente espíritos evoluídos podiam se encarnar como doutores, intelectuais e espíritos desenvolvidos, mas a manifestação de Zélio revelou-se como Caboclo Sete Flechas, Senhor dos Caminhos.

Essa manifestação espiritual demonstrou preocupação e descontentamento com o preconceito dos participantes kardecistas, e foi nesse momento que o Sr. Zélio anunciou que iria criar outra religião, na qual espíritos negros e índios, considerados espíritos não-desenvolvidos pudessem conviver, surgindo assim, a Umbanda.

#### **2.4A História do Zé Pelintra**

Conforme o dicionário on-line da Língua Portuguesa, Pelintra que dizer pessoa pobre e mal trajada, com pretensão a exhibir se e com desejo de ostentação. Tal definição é considerada literal e ajuda a confundir as pessoas que tentam entender quem é realmente Zé Pelintra. Sabe-se que ele é um mistério, que faz parte de uma falange de umbanda, a qual é sustentada por mitos divinos. Pode-se perceber, que no dicionário, a palavra Pelintra significa uma coisa, por outro lado, no simbolismo sagrado traduz outra, qual seja, pessoa pobre e mal trajada, diz respeito ao preconceito com a classe menos favorecida, a chamada ralé. Porém, Zé Pelintra é um mistério que quebra todo e qualquer preconceito; ele é simples, mas ao mesmo tempo muito complexo, todavia não deixa de ser amado por milhares de umbandistas em todo o mundo. Por conseguinte, Zé Pelintra veio para a Umbanda com o intuito de destruir tabus e preconceitos e mostrar que bom é aquele que confia em si mesmo, que levanta a cabeça e caminha em busca de todos os seus objetivos.

Na visão de Ligiero (2002), o Zé Pelintra entra no sincretismo religioso, mais precisamente na Umbanda, que assim o denomina “um personagem, um espírito e uma entidade”, tratando-se de uma interpretação do autor que aborda essa imagem do malandro como um ser representativo de sobrevivência e de adaptação das camadas escravizadas, atribuindo um significado espiritual ao mesmo.

Para Menez (2013), a categoria conhecida como “malandro”, pode ser descrita de três tipos, segundo comprovado na figura 3, o primeiro deles, sendo o juremeiro no Nordeste do país, é conhecido como Preto José Pelintra no culto Catimbó ou Jurema (o Catimbó-Jurema é um culto híbrido, nascido dos contatos ocorridos entre as espiritualidades indígena, europeia e africana, contatos esses que se deram em solo brasileiro, a partir do século XVI, com o advento da colonização), suas vestes eram costumeiramente camisa comprida

branca ou quadriculada, com mangas dobradas e calça branca dobrada nas pernas, com os pés descalços e com um tecido amarrado no pescoço, nas cores vermelha ou outras. Trazia consigo uma bengala e um cachimbo, muito típico dos caboclos que trabalhavam na linha dos índios brasileiros que usavam ervas e rezas para curar e proteger seus fiéis, possuindo “boa influência” por terem sido batizados pela Igreja Católica Apostólica Romana, especialmente Santa; já, o segundo, conhecido como Zé Pilintra das Almas, tinha como costume, vestir-se com roupas de algodão, comum entre os escravos, e chapéu de palha, tendo como diferencial somente seu lenço ou cachecol vermelho e uma fita, também vermelha, no chapéu; sua bengala com uma ascendência de antigos sacerdotes do Candomblé. Essa entidade tem como poder, desfazer feitiços e mazelas de seus seguidores, é muito glorificado em São Paulo e na Bahia. Apadrinhado por Santo Antônio, tem como madrinha Nossa Senhora de Santana; e, por último, o terceiro deles, que é o objeto de análise, é o Zé Pelintra, malandro carioca que possui como vestimenta: o terno branco, sapato de cromo, gravata de cor grená ou vermelha e chapéu estilo panamá de fita vermelha ou preta, os quais se assemelhavam aos *zoot suits*, que surgiram em meados da década de 1930, mas tiveram seu grande impacto durante as duas guerras mundiais, momento em que foi usado por americanos negros e de origem latina como emblema de seu orgulho étnico e alienação da sociedade dominante.



Fonte: Subcultura Zoot Suit. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/512425263832161589/>  
Acesso em: 23/06/2018

Segundo Valerie Mendes e Amy de La Haye (2009, p.123), na época em que a economia patriótica estava amplamente difundida, o uso do extravagante *zoot* despertou muita hostilidade, que culminou nos famosos *Motins do zoot*, em 1943, quando seus usuários entraram em choque com policiais militares. Mas mesmo assim o *zoot* continuou a ser usado ao longo do tempo das duas guerras mundiais e mais tarde influenciou o vestuário dos desafiantes e narcisistas.

Zé Pelintra, muito conhecido e louvado no Sudeste e Sul do Brasil, é uma figura que transitava entre a malandragem do Rio de Janeiro e de São Paulo, que se originou em portos e cabarés nas décadas passadas, tendo como costume estar sempre em brigas, envolto a rodas de amigos, tinha fama de mulherengo. Mesmo assim, tinha o respeito de seus fiéis e seus, e da traição de seus algozes possuía grande influência na magia dos mares por sua

amizade e respeito com estas entidades: São Jorge e Nossa Senhora dos Navegantes, os quais eram seus padrinhos. Sendo uma das únicas entidades que encarnam em qualquer culto afro-brasileiro, manifestando-se de várias formas: o caboclo, o baiano e Exú ou malandro, este último não associado a entidades de cunho negativo.

Uma tradicional rua do Rio de Janeiro, conhecida como Ouvidor, na década de 1920, podia ser vista como uma verdadeira passarela, onde os que ali transitavam podiam se sentir como em uma das mais famosas vias públicas europeias a qual viam-se cortes e tecidos de última moda. Assim, era uma questão de honra manter-se atualizado e possuir os modelos mais recentes como aponta Rocha, (1986). Obviamente, o supracitado malandro também busca estar inserido neste espaço. Ele, mesmo humilde e desempregado era confundido com um almofadinha, indumentária esta usada por jovens abastados ou até universitários da época, deixando evidenciado que o padrão burguês tinha grande importância, mas isso não quer dizer que essa conformidade refere-se a todas as apresentações visuais do malandro.

A análise feita sobre esse malandro carioca, independente da sua condição financeira, por muitas vezes insuficiente, não o impedia de ter zelo pela indumentária, que era o seu bem maior. Apresentar-se de traje novo a cada festividade era quase uma religiosidade, como por exemplo a Festa da Penha. Ainda, segundo Rocha (1986), espaços e momentos como estes, faziam com que o malandro encomendasse uma roupa nova.

Muito da indumentária deste malandro vem dos capoeiristas, que tinham regras rígidas, tais como: não usar de arma de fogo, sendo permitido somente navalha, não comparecer ao trabalho às segundas, usar o gingado próprio, e ser fiel com sua roupa, que era composta de: calça larga de boca fina, paletó aberto, botina de bico fino e lenço no pescoço, obrigatoriamente de seda, sendo que este tecido acreditava-se cegar o fio da navalha. O uso do branco servia para acusar as marcas de queda no chão; já, o chapéu, carecia de uma fita de coloração malta, uma vez que o vermelho era para os Nagoas, e a cor branca para os Guaiamus.

Ainda para Ligiero (2002), a preferência pela cor branca tem uma relação íntima com os cultos afro-brasileiros, tanto para a nação lorubá quanto para o Congo Angola. Para a primeira, o branco tem o significado da criação e procriação; e a segunda, um encontro com a morte ou com o universo dos ancestrais.

O destaque está na extravagância em usar o terno de cor branca na virada do século, sendo que nesta época a maior influência era da tendência europeia e norte-americana, onde a moda e a posição eram asseguradas pelo uso de vestes escuras e tons sombrios que representavam um mundo civilizado que contrastaria com os trópicos. Apesar disso, a única coisa importante para o malandro era sair ileso das rodas de capoeira e da roda de samba sem se sujar.

Segundo Cláudia Mattos (1982), a vestimenta do malandro corresponde a uma fantasia de carnaval, sendo que é marcada por um tom teatral, mesmo

que estas vestimentas fossem de forma impecável e de grande elegância, e que pudessem se distanciar da figura peculiar de trabalhador, seria um crime trazê-lo para próximo do perfil burguês “A figura dual do malandro fantasia/disfarce confere a ele ambivalência”. Nesse sentido, ele usava desse artifício para se mostrar um bom moço diariamente, não deixando de ser humilhado, todavia, permanecia fantasiado o ano inteiro.

Os adjetivos depreciativos associados ao malandro e, principalmente, à imagem do Zé Pelintra, são um grave equívoco; não se render ao trabalho escravo e as injustiças, driblando as dificuldades com molejo, firmeza e postura, tornando seu cotidiano suave e alegre é o que caracteriza a malandragem propriamente dita. Sua forte associação com os jogos de azar, com as bebedeiras, com o fato de ser mulherengo e com a fama de brigão deve-se aos seus antecedentes escravos que possuíam como única fonte de descontração, jogar capoeira e relaxar com a bebida alcóolica como tentativa de aliviar a forte pressão e tensão da vida desumana e hedionda ao qual eram forçados e submetidos a obedecer.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que a importância de uma vestimenta nunca se mostrou tão singular quanto o terno dentro da sociedade, não somente por sua evolução através dos tempos, como também pelo quanto ele foi relevante para uma sociedade que se auto afirmava após as duas guerras mundiais. Por se caracterizar enquanto uma moda que não sofreu muitas transformações, tal qual ocorreu com a moda feminina, e moda masculina acabou por não ter grandes nomes representativos, tendo em vista que e sua importância deu-se por certa vaidade masculina, pela autoafirmação, em especial, na roupa, evidenciando a busca pela praticidade, porém, não abrindo mão do conforto.

Assim, o **Terno** tem sua principal função e característica, a busca pela perfeição corporal, bem como pelos corpos dos Deuses. Em seguida, o terno sofre algumas transformações no que diz respeito à largura e ao comprimento, e também sofre aqui no Brasil a adaptação de se excluir o uso do colete, mas mesmo assim, o estar elegantemente vestido passa a ser o estar de terno.

Não somente pelo uso de materiais diferentes para seu feitiço observa-se essa diferenciação, mas também pela escolha de quem o faz. Dessa forma, os alfaiates são profissionais de luxo que trazem uma exclusividade para essa vestimenta, e fica explícito que quanto mais demorado é a realização do serviço, mais exclusivo é o resultado e o traje realizado, deixando bem claro que somente a alta classe teria o direito de ter um terno, ou, de pagar por ele.

A passarela conhecida do Rio de Janeiro, como Rua do Ouvidor, local onde os almofadinhas da época circulavam, trazia também o Seu Zé, a representação do malandro que também queria estar bem alinhado, mesmo que passasse o dia inteiro na labuta do cais. Mas quando a noite chegava, esse trabalhador braçal vinha para circular onde tudo acontecia, mas não podia vir como qualquer um; assim ele se apropriou de um luxo que ali parecia ser exclusivo; fazia uso dessa mesma peça: o terno.

A necessidade de estar inserido na sociedade, trazia para si um gasto a mais, sendo assim, fazia uso de um artifício que conhecia bem: usava de golpes para sobreviver, tais como fazendo apostas que sabia que iria ganhar, trazendo para si a fama de ardiloso, mas essa fama desagradava a alguns que perdiam o seu lugar; mas agradava a outros, que tinham por esse indivíduo uma grande admiração.

Mas esse malandro não podia usar a mesma cor de terno, então buscou na cor branca o jeito diferente de ser notado. E assim, quando o terno branco apareceu na Umbanda utilizado na figura de Zé Pelintra, trouxe a vestimenta tão conhecida das ruas, com o sapato de cromo e o chapéu panamá. Acrescenta a essa entidade, a identificação com o dito malandro que lutava para sobreviver, essa vestimenta que agora gera protesto / afirmação mostrando que esse indivíduo não pode ser descartado da sociedade pois sua posição está clara, e veio para ficar.

Essa religião, que também nasce com a intenção de mostrar uma fragilidade da sociedade da época, já exclui quem não se encaixa, e faz com que essa entidade também exponha essa separação que acabou por existir entre religiões, tais como: o Cristianismo e o Kardecismo, nelas ficou evidente que essas entidades não são desenvolvidas e, por isso, acabam por estar fora da razão de ser.

Na reflexão deste artigo, a fim de tentar compreender porque o terno branco foi escolhido pelo Seu Zé para se apropriar, não fica evidente, parece que por uma necessidade social de aprovação, tendo uma cor exclusiva de terno, o que não é o bastante, pois a busca por essa aceitação em termos de moda vem de fora, com cores clássicas e escuras, até porque o uso da exclusividade com os alfaiates foi uma alternativa frustrada. Esse malandro acaba conseguindo, com muito custo, fazer uso dessa vestimenta, porém utilizando a cor branca para isso, a qual contraria a tudo que vinha sendo usado pelos almofadinhas da época.

Assim, o que fica enfatizado é que o começo da alfaiataria e da moda teve sua influência na moda estrangeira, pois o que vinha de fora era sempre considerado melhor, sejam os tecidos ou os modelos. Além disso, a moda, tanto feminina como masculina, sofre com essa chegada, embora adotada para nosso clima, essa interferência acaba acontecendo.

Nesse ínterim, os negros libertos acabam se apropriando de uma moda que a princípio não era para eles, porém eles acabam fazendo uso dela para se sentirem um pouco mais aceitos na sociedade. Mas claro que essa presença, em pleno Rio de Janeiro do século XX, que respira moda francesa e europeia, acaba trazendo esse malandro que se manifesta nos terreiros de Umbanda na figura do Zé Pelintra, traduzido como malandro carioca, negro liberto.

Malandro sim, mas boa gente, adora mulheres e as protege; adora ser visto como viril, porém nunca injusto; trapaceiro sim, porém não tira de quem já não tem, mas sim de alguém que se faz de esperto, que no final faz papel de otário. Então esse místico, sério, justo, é sim a representação de um ideal de brasileiro.

Assim é notório que esse malandro é visto como alguém cuja esperteza se concretiza na sua lábia, sedutora, e na sua capacidade de aplicar “peças” aos otários, ou então a alguém que tem no samba um modo de discurso de sua identidade.

Além disso fica evidenciado que o uso de determinada roupa era também um modo de se perceber se o indivíduo era ou não malandro, tendo em vista as inúmeras falas dele presentes nos discursos, na música, na literatura e no cinema; o estilo malandro de ser, cria a imagem de um personagem simpático, sorridente, comunicativo e irresistível. Consequente, seria de grande importância a realização de futuras pesquisas sobre a figura do malandro que adora festas, mas leva consigo um saco pesado de preconceitos e racismo nas costas.

## 5. REFERÊNCIAS

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira/ Alexandre cumino. - São Paulo: Madras, 2015.**

Boucher, François, **A History of Costume in the West**, ed .rev., Thames & Hudson, Londre, 1996

BURMEISTER, Herman. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952.**

CRISTINO, Leandro Nascimento. **Na estética do bamba: a arte malandra de se vestir.** Rio de Janeiro, RJ: CiFEFiL, 2009.

FRAZÃO, Rosenbergue Fernando de Oliveira. **Malandragem e ordem social ( um estudo da autoridade malandra através do samba e da literatura)-** Recife -Agosto 2003.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1956.**

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as Roupas: A evolução do traje moderno.** Tradução : Alexandre TORT. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

LEITÃO, Débora & PINHEIRO MACHADO, Rosana. **O luxo do povo e o povo do luxo: consumo e valor em diferentes esferas sociais no Brasil.** In: LEITÃO, Débora, LIMA, Diana, PINHEIRO MACHADO, Rosana. *Antropologia & Consumo.* Porto Alegre: AGE, 2006.

MATTOS, Cláudia. **Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Memórias da Rua do Ouvidor.* Editora UnB: Brasília, 1988.

MELLO E SOUZA, Gilda de. **O espírito das roupas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

MACEDO, Joaquim Manoel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Editora UnB: Brasília, 1988.

MENDES, Valerie D. **A moda do século XX** : 280 ilustrações,66 em cores/Valerie Mendes, Amy de la Haye ; tradução Luís Carlos Borges ; revisão técnica José Luiz Andrade. - 2ª.ed. - São Paulo : Martins Fontes,2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano.**Metodologia do trabalho científico**. [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSA,Stefania. **Alfaiataria: modelagem plana masculina** / Stefania Rosa. 3º Ed-Brasília: Senac-Df,2016.

SARACENI, Rubens. **Os arquétipos da Umbanda**. São Paulo: Madras,2007.

SCHEMES, C. et. al. **A vestimenta masculina, cores e apropriações**. In: Cultura Visual, n. 12, outubro/2009, Salvador: EDUFBA, p. 11-26.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SIMÃO,Luís. **A influência do corpo masculino na construção do terno contemporâneo**-Belo Horizonte,MG,2013.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

TALEB, Alexandre. **Imagem masculina: guia prático para o homem contemporâneo**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, p.49-50,2016.

VILLAÇA e GÓES, Nízia e Fred. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

VINCENT-Ricard,Françoise. **As espirais da moda**. Rio de Janeiro,1989.